



CDU 378.4(679): 655 + 02 (042)

REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

SERVIÇOS DE APOIO ACADÉMICO
ANEXO VI

II REUNIÃO GERAL

NOVEMBRO. 1982

I - OS PROCESSOS DE PRODUÇÃO GRÁFICA NA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

1. INTRODUÇÃO

Os processos de produção gráfica na UEM funcionam actualmente a dois níveis diferentes:

- (i) as faculdades têm geralmente uma "secção de textos" com capacidade para a produção e comercialização de material de estudo a pequena tiragem;
- (ii) a nível central, e dependente da Direcção de Finanças e Administração, funciona a Divisão Gráfica, que integra uma imprensa destinada à edição de obras de estudo mais volumosas e com maior tiragem e à publicação de revistas científicas.

A ambos os níveis verificam-se deficiências e problemas que fazem com que estes serviços não possam responder na sua totalidade às necessidades actualmente existentes nas Faculdades no que respeita à edição de materiais de estudo e revistas científicas. Considerando o desenvolvimento projectado para a UEM ao longo dos anos que vêm, deve-se constatar que o funcionamento actual dos serviços gráficos é totalmente inadequado e incapaz de responder às necessidades previstas.

O presente documento pretende analisar a situação actual e avançar uma série de hipóteses para a sua adequação ao desenvolvimento perspectivado para esta Universidade.

2. O FUNCIONAMENTO ACTUAL DOS PROCESSOS DE PRODUÇÃO GRÁFICA

As deficiências encontradas no funcionamento actual dos processos de produção gráfica dizem respeito aos seguintes factores:

- insuficiências qualitativas e quantitativas em termos de recursos humanos;
- insuficiências materiais e organizacionais relativas ao sistema de aprovisionamento de matéria prima (papel, tinta, ceras, chapas, produtos químicos, etc.);
- insuficiência da capacidade técnica em alguns sectores;
- insuficiências organizacionais dos processos de trabalho dentro de diferentes sectores e entre as diferentes partes interessadas no processo;
- insuficiências técnicas no sistema de manutenção da infra-estrutura técnica;
- inexistência de uma política editorial centralmente definida e pedagógica e cientificamente controlada.

Sem pretensão de se ser exaustivo descrevem-se a seguir, a título de exemplo, alguns dos problemas referidos pelas Faculdades quanto ao funcionamento da Divisão Gráfica:

- A Divisão Gráfica não cumpre prazos quanto à realização de trabalhos de produção gráfica encomendados pelas Faculdades.
- A Divisão Gráfica aplica preços muito elevados em comparação com o custo da reprografia realizada nas secções de textos das Faculdades.
- A incapacidade da Divisão Gráfica de responder às necessidades de composição das revistas publicadas na UEM resulta em atrasos na publicação (caso da revista "Construir", cujo último número saiu em Setembro do ano passado) ou na realização deste trabalho fora da Universidade em empresas comerciais e a preços elevados (caso da revista "Ciência e Tecnologia" que é vendida a um preço inferior ao seu custo). Num outro caso a inexistência de um serviço próprio de dactilografia resultou na edição de um manual de estudo em forma de manuscrito.
- A Divisão Gráfica às vezes alega falta de certos materiais (fita carbográfica, revelador) como razão para a não execução de determinados trabalhos, pondo como condição às Faculdades o fornecimento destes materiais, que depois se conseguem adquirir no mercado local (fita carbográfica) ou produzir na própria universidade (revelador).
- A Divisão Gráfica não planifica os trabalhos, sendo estes também frequentemente interrompidos por ordem superior.
- Não existe uma correcta definição de prioridades na realização dos trabalhos encomendados à Divisão Gráfica.

A existência destes e outros problemas, resulta num descrédito das Faculdades na Divisão Gráfica. Isto, por seu turno, faz com que as Faculdades já não encomendam trabalhos de impressão à Divisão Gráfica, reduzindo assim a produtividade da imprensa universitária e confiando exclusivamente nas suas secções de textos.

O funcionamento destes, no entanto, também coloca problemas:

- As quotas de papel, tinta, ceras, etc. concedidas às Faculdades não correspondem, em muitos dos casos, às necessidades pedagógicas existentes. Além disto, a distribuição destas quotas pelas diferentes Faculdades é feita pela Divisão Gráfica em função de dados disponíveis sobre o gasto destes materiais no ano precedente, o que beneficia as Faculdades que viram o seu número de alunos reduzido e prejudica outras cujo número de alunos cresceu.

- A inexistência no mercado local de ceras electrónicas, que permitiriam polícopiar com facilidade textos já existentes, faz com que todo o trabalho de duplicação seja feita a partir da dactilografia em matrizes de cera normal. Este processo conta com deficiências qualitativas consideráveis, com baixa economia de utilização de papel e com uma grande lentidão de trabalho.
- Em certas Faculdades as secções de textos só funcionam com eficácia razoável graças ao apoio dado por pessoal académico, o que constitui um desvio de tempo docente para fins impróprios. Considerando que a contratação de um docente na maioria dos casos constitui um investimento em divisas, esta solução é pouco económica.
- As Faculdades geralmente não têm possibilidades para acabamento próprio dos materiais impressos.
- O processo de comercialização dos materiais impressos é feito de acordo com critérios não uniformes dependentes das Faculdades.

Por outro lado, a Divisão Gráfica afirma o seguinte:

- Na altura em que a Divisão Gráfica entrou em funcionamento (2º semestre de 1979) o seu interesse estava virado para 2 sectores:
 - (i) o funcionamento da própria imprensa como entidade produtora para grandes tiragens, utilizando formas de impressão de qualidade profissional;
 - (ii) o funcionamento das secções de textos existentes nas faculdades e destinadas a trabalhos de produção gráfica a tiragens reduzidas utilizando técnicas de duplicação simples.
- De acordo com um levantamento então feito, 80% do equipamento nas secções de textos encontrava-se avariado. Através da intervenção da Divisão Gráfica algumas destas máquinas foram recuperadas e foi feita uma redistribuição equitativa de todas as máquinas operacionais.
- A Divisão Gráfica financiou o concerto das máquinas atrás referidas, financiamento este que depois não conseguiu recuperar das Faculdades. Neste momento as Faculdades têm uma dívida de 4.000.000,00 MT.
- Dos 5 laboratórios fotográficos nessa altura existentes na UEM nenhum funcionou, o que levou a Divisão Gráfica a centralizar os serviços fotográficos.
- Além disto foram desenvolvidas, ao longo do 2º semestre de 1979, acções de formação de pessoal para as secções de textos e foram estabelecidas normas para o seu funcionamento.

- Devido a atritos entre as Faculdades e a Divisão Gráfica no respeitante a questões de autonomia de gestão das secções de textos, a Divisão Gráfica retirou-se deste sector, ficando apenas o aprovisionamento das secções de textos a seu cargo.
- Das máquinas fotocopiadoras existentes em 1979 na UEM cinco encontravam-se em estado operacional, mas o não aprovisionamento de produtos químicos pela empresa fornecedora resultou na paragem destas máquinas.
- A Divisão Gráfica conta com grandes dificuldades na aquisição de matéria prima em quantidades suficientes para o funcionamento das secções de textos. Além disto, a entidade fornecedora para estes materiais cobra preços muito variáveis que dependem da proveniência do material.
A não sincronização entre a planificação da UEM e a do exterior dificulta ainda mais o processo de aquisição e faz com que muitas vezes a UEM fique dependente das sobras existentes.
- Há grandes atrasos de carácter burocrático no abastecimento, através da cooperação internacional, da imprensa universitária com matéria prima necessária para o seu funcionamento no que respeita aos processos de impressão offset e tipográfica.
- Até este momento a imprensa universitária está dependente, para a manutenção das suas máquinas produtoras integradas que atribui prioridade a empresas produtoras integradas no P.E.C., estatuto este que a UEM, como instituição de formação de quadros, não tem. Além disto não existem estoques de peças sobressalentes.
- Muitos dos trabalhos de produção gráfica requisitados pelas Faculdades são de pequena tiragem e do tipo de duplicação simples e quase nunca ultrapassam a tiragem mínima de 500 exemplares definida para a produção pela imprensa. Isto leva a uma utilização imprópria dos recursos da imprensa.
- As requisições feitas pelas Faculdades são geralmente deficientes em dados sobre a natureza do trabalho que se deseja. Por outro lado não existe um impresso próprio para essas requisições.
- As Faculdades normalmente não se preocupam com os preços dos trabalhos requisitados até ao momento em que recebem a factura.
- Os preços de produção gráfica calculam-se a partir do custo de material + 20% de quebras, o tempo das máquinas, mão-de-obra, acrescentando-se a esse total 25% para cobrir despesas de manutenção, electricidade, etc. Existem tabelas próprias, dependentes da tiragem, para diferentes tipos de reprografia, i.e. duplicação simples (tabela a seguir) e offset.

DUPLICAÇÃO:

Nº exs.	10	25	50	75	100	200	300	500	1000
Frentes	6,00	13,80	29,00	45,00	58,00	116,00	172,50	287,50	360,00 MT
Frente e verso	9,20	24,50	46,00	69,00	92,00	184,00	276,00	410,00	465,00 MT

GRAVAÇÃO E DUPLICAÇÃO:

Nº exs.	10	25	50	75	100	200	300	500	1000
Frentes	69,00	78,50	92,00	107,30	121,00	179,00	235,80	355,00	640,00MT
Frente e verso	136,00	151,00	172,50	195,80	218,50	311,00	403,50	587,50	1050,00MT

Existe a impressão de que as lamentações sobre os preços elevados da Divisão Gráfica surgem da comparação do custo de duplicação normal na Faculdade com o dos processos mais sofisticados aplicados na imprensa, além da não contabilização da mão-de-obra pelas Faculdades.

- Com algumas excepções as Faculdades e outras entidades clientes da Divisão Gráfica não entregam planos editoriais anuais ou semestrais, o que impede uma correcta planificação do trabalho e a definição de prioridades a esse respeito.
- O não cumprimento de prazos pela Divisão Gráfica resulta, além da falta de materiais como fita carbográfica e revelador, etc., avarias nas máquinas e falta de pessoal devidamente formado, também da não observação pelas Faculdades de prazos para a revisão e correcção das provas. É de notar a esse respeito que o planeamento detalhado das diferentes fases que constituem o processo de produção gráfica tem carácter fundamentalmente interno para a Divisão Gráfica e não constitui um compromisso entre cliente e produtor.
- Foram recebidas da Fundação Gulbenkian no ano passado 6 máquinas mini-offset, incluindo esta oferta ainda as máquinas complementares para este tipo de impressão e também 6 máquinas duplicadoras para ceras. Até este momento as referidas máquinas ainda não foram instaladas por razão da inexistência nas Faculdades de condições apropriadas para a sua correcta utilização e manutenção.
- Existe ainda na Divisão Gráfica um projecto de um serviço audio-visual que neste momento se restringe a trabalhos fotográficos. Este serviço, no entanto, é principalmente aproveitado por entidades alheias à UEM.

3. NECESSIDADES

A elaboração e produção gráfica de materiais didácticos é uma componente inalienável da totalidade do processo pedagógico. Esta componente deve ser concebida, de forma sistemática, na sua relação com os outros elementos que integram o mesmo processo, i.e. actividades lectivas, actividades laboratoriais, estágios práticos, processos veiculados através de meios audio-visuais, seminários, consultas bibliográficas, etc., etc. Obviamente, a parte gráfica deste processo depende, na sua dimensão, dos números de alunos acomodados pelas diferentes Faculdades, do desenvolvimento pedagógico e organizacional do ensino e das necessidades complementares de extensão e investigação.

A previsão do crescimento do número de alunos na UEM, nomeadamente a partir de 1985, a estabilização e uniformização racional dos curricula, particularmente das disciplinas básicas, e a perspectivada abertura da Universidade, através de processos de ensino à distância, para públicos externos, fazem prever a necessidade de produção gráfica em quantidades muito mais elevadas do que actualmente é o caso, destinando-se esta produção à criação de um fundo editorial de materiais didácticos com carácter permanente.

Além disto, e para garantir um funcionamento flexível dos processos pedagógicos decorrentes nas Faculdades, que precisam de poder responder prontamente a exigências pedagógicas imediatas, prevê-se a necessidade da criação de serviços de reprografia urgente, alternativamente de reforço destes serviços actualmente existentes nas secções de textos.

4. A CAPACIDADE DE IMPRESSÃO EXISTENTE NA UEM

4.1 DAS SECÇÕES DE TEXTOS:

A capacidade de impressão através das secções de textos existentes nas Faculdades, como já se constatou, é fundamentalmente limitada pelas deficiências no sistema de abastecimento dos materiais necessários para o seu funcionamento.

Um outro factor limitante reside na baixa qualidade dos serviços de dactilografia e a lentidão verificada neste processo. Se existissem ceras electrónicas esse problema poderia ser resolvido para duplicação de textos já existentes, na condição que houvesse suficiente capacidade para a gravação destas ceras. (A gravação de uma cera electrónica leva aproximadamente 10 minutos).

Existe ainda uma capacidade de impressão latente a esse nível na presença, ainda nos armazéns, de uma linha completa de produção gráfica através de 6 máquinas mini-offset e 6 máquinas duplicadoras para ceras, oferecidas pela Fundação Gulbenkian. A sua instalação e utilização em condições próprias dará uma

resposta adequada às necessidades em termos de reprografia urgente através de meios não sofisticados, desde que seja garantido o aprovisionamento de papel, tinta, chapas, etc. e a sua manutenção.

Um projecto de aquisição pela Divisão Gráfica de máquinas elétricas de escrever destinadas a serem emprestadas às Faculdades para a preparação dactilográfica dos textos a imprimir poderá resolver, de forma parcial, o problema de dactilografia, desde que se garanta a sua utilização por dactilógrafos qualificados para esse tipo de trabalho ou que sejam os próprios autores a dactilografarem os seus textos.

4.2. DA IMPRENSA UNIVERSITARIA:

A parte central da imprensa universitária é constituída pela sua "Secção de Impressão". Nesta secção encontram-se instaladas:

- 2 máquinas de impressão offset, respectivamente
 - * uma da marca SOLNA, adquirida em 1978, com capacidade de impressão de 4000 à 5000 impressos por hora no formato de 44cmx64cm (=4xA4). (Teoricamente a capacidade deste máquina pode atingir a impressão de 7000 impressos por hora.);
 - * e uma da marca THOMPSON-Crown, com 11 anos de idade, tendo esta máquina, por causa de certas deficiências, uma capacidade de impressão de 2000 impressos por hora no formato A3 (42cmx29,6cm). A capacidade teórica desta máquina é de 5000 impressos por hora o que significa que poderia atingir uma capacidade real de impressão de 3000 a 4000 impressos por hora se fosse devidamente concertada.

Além destas máquinas offset a Secção de Impressão dispõe ainda de:

- uma máquina de impressão tipográfica, da marca Heidelberg, adquirida em 1978, que se destina à impressão de capas, cartolinas, etc., e que, devido à complexidade do processo de composição a mão em letras de chumbo, não presta para impressão de p. ex. manuais.

Também estão integradas na Secção de Impressão:

- 2 máquinas duplicadoras para ceras e ainda
- 2 máquinas de impressão mini-offset avariadas.

Com a existência das referidas máquinas offset adequadamente utilizadas a impressão de um livro de 320 páginas A4 numa tiragem de 1000 exemplares levaria 60 horas.

O processo alimentador consiste numa sequência de trabalhos que devem ser executados antes da impressão de um texto. Dependente do grau de elaboração do texto apresentado para edição este processo pode incluir:

- dactilografia/composição do manuscrito apresentado
- composição de títulos
- preparação de diferentes tipos de ilustrações
- revisão e correcção da composição
- maquetização
- fotografia das maquetas
- montagem de filmes
- transporte de chapas.

O processo de acabamento consiste numa série de trabalhos necessários para transformar o material imprimido em livros encadernados. Este processo pode incluir trabalhos de:

- cortar
- alcear
- dobrar
- furar
- costurar
- agrafar
- colar
- vincar.

Apesar da grande capacidade da própria Secção de Impressão a capacidade da imprensa na sua totalidade é muito limitada pela capacidade do sector alimentador e do sector de acabamento de acompanhar o ritmo do processo de impressão. Adequando a capacidade dos processos alimentador e de acabamento à capacidade do processo de impressão aumentaria dramaticamente a produtividade da imprensa, de modo a poder facilmente responder às necessidades da UEM, tanto presentes como futuras, de edição dos seus próprios livros, revistas, etc. Além disto, poderia provavelmente ainda aceitar trabalhos requisitados por serviços exteriores.

A fraca capacidade de dactilografia/composição é actualmente o factor que mais limita a produção da imprensa. Neste sector existem 2 máquinas compositoras próprias que contam com avarias frequentes. A não existência de um serviço de manutenção faz com que uma destas máquinas agora esteja permanentemente parada. Além disto, na Secção de Composição existe apenas um operador.

A aquisição projectada de 6 máquinas de escrever eléctricas do tipo deci-wheel, já mencionada no ponto 4.1, poderia dar uma resposta parcial a este problema. A requisição temporária destas máquinas pelas Faculdades permitir-lhes-ia fazer a sua própria composição, embora com margem direita não ajustada, em formato a indicar pela Divisão Gráfica. Para efeitos de economia na utilização de

papel as composições assim feitas podem, na fase de fotografia dos originais maquetizados, ser reduzidas, chegando-se a uma letra de 10 pontos comumente utilizada na impressão profissional.

Embora essa solução possa responder a muitas das necessidades actuais, pressuondo contudo que existam nas Faculdades dactilógrafos suficientemente qualificados ou que sejam os próprios autores a dactilografar os seus textos, pensa-se que para o futuro será necessária a criação de um serviço editorial próprio cujos recursos materiais e humanos se adequem à dimensão do trabalho editorial prevista.

O que atrás se constatou sobre a composição aplica-se igualmente, embora de forma menos aguda, a certos dos outros processos integrados no sistema alimentador, nomeadamente à ilustração, maquetização e montagem. Num projecto de ampliação da imprensa já está prevista a aquisição de algumas máquinas para este sector. Julga-se, no entanto, ser necessário dar igual importância a acções de recrutamento e/ou formação de pessoal convenientemente qualificado.

O processo de encadernação é em grande parte manual, o que constitui um outro factor limitante da capacidade da imprensa. A aquisição projectada de uma máquina de alcear pretende aumentar a capacidade deste sector.

Está ainda prevista a chegada, em Janeiro próximo, de um técnico ligado ao Centro de Formação e Produção Gráfica que se responsabilizará pela manutenção das máquinas, não apenas daquele Centro, mas também da Divisão Gráfica. O mesmo técnico formará quadros de manutenção ligados à E.E. Intergráfica que futuramente deverão garantir o bom funcionamento do parque gráfico no país. No mesmo âmbito prevê-se a criação de um estoque de peças sobressalentes na Divisão Gráfica.

Uma organização racional do trabalho da imprensa, devidamente planificada com base em planos editoriais emitidos com suficiente antecedência, juntamente com a adequação da capacidade dos sectores de alimentação e acabamento atrás referida, tornará a imprensa universitária numa entidade produtora capaz de responder às necessidades editoriais da Universidade.

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

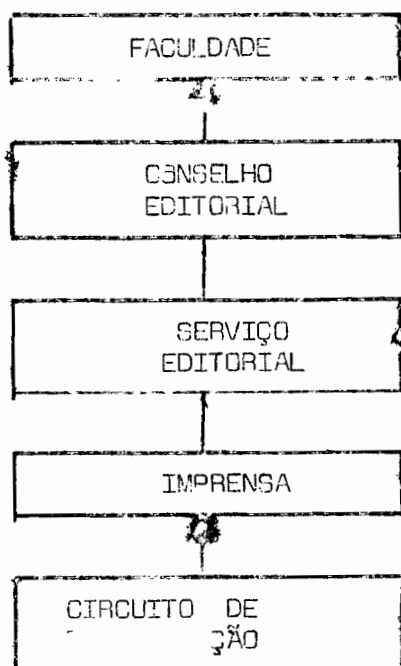
5.1 SOBRE A CONCEPÇÃO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO GRÁFICA

5.1.1 O processo de produção gráfica deve ser concebido como parte integrante da execução de uma política editorial, política esta que faz parte das preocupações pedagógicas e científicas da Universidade e cuja definição depende dos órgãos centrais da Universidade, sendo a sua execução ordenada e controlada pela Direcção Académica através de um Conselho Editorial a criar.

5.1.2 A política editorial deve ser concebida como uma componente de um sistema orgânico, ou seja da totalidade do processo pedagógico que pretende, através de diferentes acções, alcançar o objectivo principal da UEM: a formação de quadros superiores. Este conjunto de acções deve ser concebido de tal forma que o objectivo seja atingido de forma tão eficaz, tão adequada e tão económica quanto possível. Assim a concepção das outras componentes do mesmo processo pedagógico terá influência sobre a política editorial. A organização da docência, os métodos de ensino aplicados, as formas de estudar, os outros meios utilizados, tudo isto, e mais, determinará não só que textos de estudo devem ser editados, mas também a forma da sua edição, a sua integração com outros meios didácticos e o seu processo de circulação.

5.2 Sobre a organização do processo editorial:

5.2.1 A organização do processo editorial deve estar de acordo com a sua concepção sistemática. Este processo vai da concepção e elaboração dos materiais a imprimir até à sua colocação em circulação e poderá envolver os sectores do esquema a seguir apresentados:



No contexto deste esquema o Conselho Editorial tem uma função fulcral. De acordo com o carácter pedagógico do processo de edição este Conselho deve estar integrado na Direcção Académica e desempenha um papel importante na definição da política editorial global e no estabelecimento de uma ordem de prioridades respeitante à sua execução.

As suas funções englobam nomeadamente as de direcção, coordenação, planificação, controle, testagem e avaliação do trabalho editorial desenvolvido pela Universidade.

O Conselho Editorial planifica, coordena e controla a produção editorial, assegurando a interligação entre autores, o pessoal do serviço editorial (operadores de composição, ilustradores, maquetizadores, etc.) e o da própria imprensa, planeando os cronogramas de trabalho e controlando a sua execução.

O Conselho Editorial também garante a correcta integração do processo editorial na totalidade do processo pedagógico, sendo uma das suas preocupações a interligação entre o material imprimido e outros meios didácticos, como p.ex. os materiais produzidos pelo Serviço Audio-Visual.

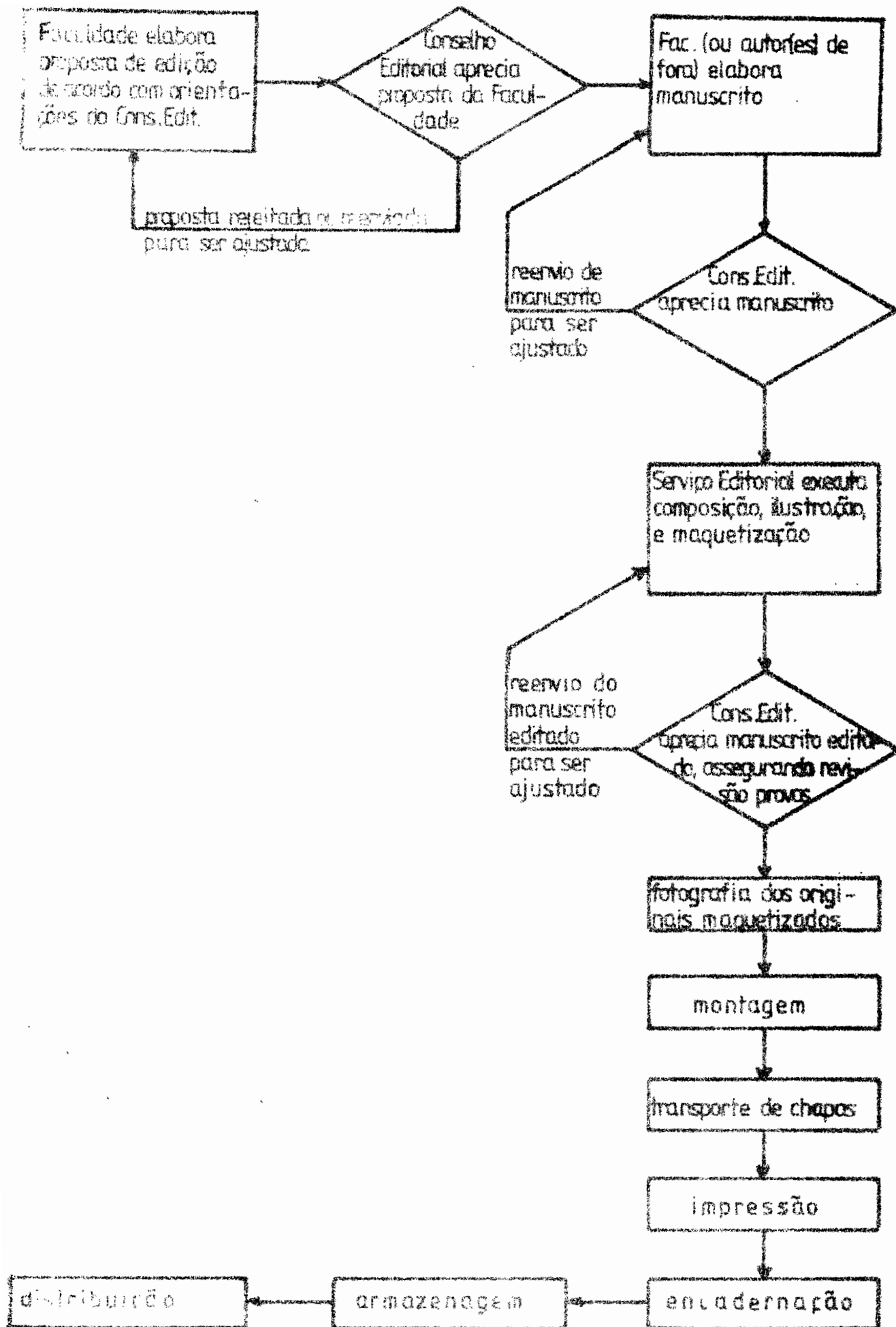
5.2.2 O Serviço Editorial proposto tem como função a preparação técnica do manuscrito aprovado para impressão, executando nomeadamente trabalhos de composição, ilustração e maquetização. As suas tarefas são planeadas e controladas pelo Conselho Editorial.

5.2.3 A título de exemplo apresenta-se na página a seguir um esquema, representando o processo de produção de um livro de acordo com os princípios acima propostos. Mais particularmente, o exemplo dado refere-se à produção de um texto completamente da autoria da UEM.

5.2.4 Como alternativa à produção de este tipo de textos colocam-se ainda as seguintes hipóteses:

- reprodução de um livro existente;
- compilação de textos de diferente proveniência num novo volume, incluindo eventualmente a adaptação destes textos de acordo com os fins pedagógicos definidos e/ou acrescentando-os com textos da autoria da UEM;
- tradução de textos existentes em outras línguas.

Em relação a estas alternativas é de considerar a hipótese da criação de um Gabinete de Tradução ligado ao Conselho Editorial. Também merecem atenção questões respeitantes a "direitos de autor".



5.2.5 O esquema do exemplo de produção editorial atrás dado não contempla a conveniência de testar a utilidade pedagógica do material editado antes da sua publicação em forma definitiva. Esta testagem poder-se-ia realizar através da publicação de edições experimentais. Alternativamente poder-se-ia pensar na edição de módulos de pequena dimensão que depois de uma fase experimental são reeditados em forma de um manual definitivo. O Serviço de Reprografia Urgente tem a flexibilidade adequada para a produção de este tipo de módulos experimentais.

5.2.6 Para o funcionamento da reprografia urgente existem 2 hipóteses:

- (i) continuação do sistema em vigor de secções de textos integradas nas Faculdades e devidamente reforçadas;
- (ii) centralização destes serviços por unidades de Faculdades concentradas em zonas geograficamente determinadas (p. ex. um no Campo Universitário e outro no recinto das Faculdades das Engenharias e de Física, Química e Geologia).

Esta 2ª hipótese parece mais viável, pois permite economizar espaço, máquinas e recursos humanos, dando a possibilidade de concentrar o melhor pessoal das secções de textos nestes centros e criando condições propícias para a correcta utilização e adequada manutenção das máquinas.

A gestão destes centros deve basear-se em processos eficientes e desburocratizados, incluindo serviços de fotocópias, de duplicação e gravação de ceras, de duplicação a álcool e de reprografia mini-offset.

Certos outros serviços, como p. ex. o de dactilografia de textos, cujo funcionamento deficiente constitui actualmente uma grande preocupação das Faculdades, podem também ser considerados para integração nestes centros.

5.3 SOBRE A DISTRIBUIÇÃO DO MATERIAL IMPRESSO:

5.3.1 Deve ser criado um fundo editorial de textos de estudo de carácter permanente, cuja produção tome em conta não só as necessidades imediatas, mas também a sua utilização prevista para o futuro. Para a sua colocação em circulação fascada será necessário criar condições adequadas de armazenagem e um circuito próprio de distribuição.

5.3.2 Como alternativa ao sistema de venda em vigor nas Faculdades, coloca-se a hipótese da criação de uma livraria universitária com capacidade para a comercialização da produção editorial da própria Universidade e eventualmente também de livros de texto importados e/ou textos produzidos em outros sectores no País, além de outro material necessário para o estudo (papel, cadernos, canetas, lápis, material de desenho, calculadores, etc.).

5.3.3 A venda na livraria universitária deve ser restrita aos alunos da UEM, e os seus professores, e pode ser controlada através de um cartão de abastecimento individual emitido quando o aluno se matricula. Este cartão dá aos alunos o direito de adquirir o referido material em quantidades dependentes do ano e do curso em que está matriculado.

5.3.4 Será necessário encontrar um sistema de preços de venda uniformizados para toda a Universidade. Estes preços podem ou não corresponder ao custo real do material vendido. No caso de se decidir vender materiais a preços inferiores ao seu custo será necessário definir uma política de subsídios.

5.4 NOTA FINAL:

O problema de produção gráfica inclui elementos que dizem respeito aos recursos materiais bem como aos recursos humanos. Na situação actual a atenção principal parece estar virada para as máquinas.

No âmbito das considerações económicas e organizacionais é de referir que as máquinas não funcionam sem que o homem as ponha a trabalhar. A operacionalização do sector de produção gráfica na Universidade dependerá, por isso, fortemente do desenvolvimento de uma correcta política de recrutamento e formação de pessoal destinada à adequação da qualidade da infra-estrutura humana a um funcionamento económico do parque das máquinas.



II. DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

INTRODUÇÃO

As bibliotecas constituem um suporte imprescindível ao processo de educação e formação dos estudantes bem como à realização da pesquisa científica na Universidade.

Ao perspectivar-se o desenvolvimento da U.E.M. no que concerne às suas funções fundamentais, importa, portanto, redefinir e dimensionar o funcionamento e desenvolvimento dos Serviços de Bibliotecas, por forma a vinculá-lo orgânica e funcionalmente às actividades de formação e de investigação.

Para se poder reestruturar o sistema existente, a política a adoptar deverá integrar três aspectos essenciais:

1. Centralização;
2. Controlo e Aquisição de fundos bibliográficos;
3. Formação sistemática de:
 - a) Profissionais especializados;
 - b) Auxiliares técnicos.

1. CENTRALIZAÇÃO

Face à estrutura curricular pretendida para os cursos e à localização destes na planta física da U.E.M., afigura-se aconselhável adoptar a seguinte estrutura, inteiramente convencional, para o Sistema de Bibliotecas:

- 1.1. Uma Biblioteca Central
- 1.2. Seis Bibliotecas Especializadas nas seguintes áreas:
 - 1.2.1. Ciências Naturais e Exactas
 - 1.2.2. Ciências Agro-Pecuárias
 - 1.2.3. Ciências Sociais
 - 1.2.4. Medicina
 - 1.2.5. Engenharia
 - 1.2.6. Educação

Neste sentido será necessário proceder à seguintes acções:

- a) Reajustamento do Sistema de Bibliotecas existentes nos Departamentos e nas Faculdades e proceder à concentração dos fundos bibliográficos por áreas de conhecimento;
- b) Instalação, nos locais apropriados, de bibliotecas especializadas, com depósito e sala de leitura;

- c) Construção, no Campo Universitário, de uma biblioteca central;
- d) Estabelecimento de um único sistema de administração de bibliotecas com estatuto equivalente ao de uma Faculdade.

A Biblioteca Central deverá ter os seguintes departamentos:

- i) Serviços Técnicos (classificação, catalogação, reprografia, etc.)
- ii) Serviços Públicos (periódicos, serviços de leitura e consulta, colecções especiais, etc.)

Como princípio, cada um destes departamentos deve ser chefiado por um profissional licenciado em biblioteconomia ou formação equipada. Entretanto, numa primeira fase, a chefia deverá ser confiada aos funcionários existentes que se revelem competentes.

Para além das obras de referência, o fundo bibliográfico da Biblioteca Central deverá, em especial, cobrir as necessidades impostas pelas disciplinas básicas e gerais.

2. CONTROLO E AQUISIÇÃO DE FUNDOS BIBLIOGRÁFICOS

O valor de um sistema de bibliotecas depende da utilidade dos materiais existentes.

O controlo dos fundos bibliográficos e a constituição de colecções deverão ser tarefas à responsabilidade de um Director de Bibliotecas, com a assessoria de docentes das áreas científicas em questão (conselhos científicos) e consistirá nas seguintes acções:

- 2.1. Descarte de livros e periódicos que se revelem obsoletos ou sem grande utilidade prática, devendo, por isso, ser retirados das bibliotecas;
- 2.2. Selecção e Aquisição sistemáticas de materiais em línguas apropriadas e sobre assuntos considerados importantes. Estas actividades devem ser da responsabilidade de um bibliotecário especializado em aquisições que tomará decisões após auscultação das preocupações e necessidades das Faculdades implicadas.

Contrariamente à prática actual, maior atenção deverá ser dada à compra de manuais básicos, restringindo-se a aquisição de revistas para o mínimo indispensável.

3..FORMAÇÃO

Uma das dificuldades com que este sector se defronta é a da carência de pessoal técnico especializado, quer de nível superior, quer de nível médio.

É de reconhecer a dificuldade actual em formar, no País, bibliotecários ou pessoal técnico, dada a inexistência de quadros com habilitações suficientes para dirigir a acção de formação. Assim, e como solução gradual do problema, dever-se-á optar pelas seguintes medidas:

3.1. Elevação do nível de escolaridade e educação geral básica de todos os trabalhadores das bibliotecas.

Como incentivos para possibilitar que esses trabalhadores continuem os estudos Secundários até ao nível mais alto possível, sugere-se a concessão de um certo fundo de tempo para estudar; a atribuição de estímulos materiais ou prémios, de acordo com o progresso na formação e ainda, a possibilidade de ingresso em Cursos Superiores.

3.2. Formação Técnica Média, baseada na elevação do nível de escolaridade.

Trata-se de facultar, aos trabalhadores que atinjam o nível de 9ª classe, a frequência de cursos de nível médio sobre serviços bibliográficos que podem vir a ser ministrados no País, com base nas experiências de Adis-Abeba, Lusaka e Makerere.

3.3. Formação Superior Especializada, a conferir a alunos ou trabalhadores com a 11ª classe ou equivalente, criteriosamente seleccionados.

Esta formação far-se-ia no exterior em diferentes instituições especializadas.

A adopção de uma política deste tipo exige determinação e uma planificação sistemática. Torna-se necessário contratar, a curto prazo, uma equipa de consultores para a elaboração do respectivo projecto de acção.

CONCLUSÃO

Para que um sistema como o que foi delineado funcione, torna-se fundamental uma estrutura de bibliotecas autónoma e centralizada, chefiada por um Director de Bibliotecas, responsável perante o Director Académico.

.....